

# CRÔNICA

## JOSÉ IRMO GONRING

jose.irmo@gmail.com



### Amigos na fita

“Tal é o meu estado, que não sei se acabarei isto. A cabeça dói-me, os olhos doem-me, todo este corpo dói-me. Sei que não tens nada com as minhas mazelas, nem eu as conto aqui para interessar-te; conto-as, porque há um certo alívio em dizer a gente o que padece. O interesse é meu; tu podes ir almoçar ou passear.”

Machado de Assis começava assim a crônica de 17/11/1895. O que ele tinha, não sei. Eu tenho gripe. E me socorro nele pra disparar o texto.

No início de setembro fiz a crônica sobre o que os amigos artistas estavam produzindo. A intenção era continuar o assunto, mas ninguém mais abriu o bico. Meus amigos, modestos, não gostariam de comparecer aqui; ou devem achar que falar do que se faz rouba a energia que seria destinada à criação; ou que ser citado aqui é...

Deve ser por isso que encontrei o Pedro

de Alcântara numa feira, e a conversa foi rápida, apesar de muito cordial. Devia estar evitando a pergunta: o que está produzindo? Também encontrei a Pupa Gatti. Ela adora uma feira. Foi dizendo que tem convite de sua filha pra morar em outro país, mas não vai. Como habitar num lugar onde não há feiras como as nossas? Um lugar onde “um é três, dois é cinco e três é sete”. Como viver sem essa lógica desconcertante e tão cantante?

Assim, desisti da crônica. Chegara a cutucar por e-mail uma médica que é cantora, e paulista radicada em Vitória. Não deu resposta. Saiu-se uma perfeita mineira, no seu trabalho em silêncio. Mas agora surgiu seu CD, prontinho, tocando na campainha de minha porta!

Então volto ao assunto da produção dos amigos. Procuo o Victor Humberto Biasutti, que está sempre fazendo algo. Batata. Ele acaba de finalizar uma pesquisa, com o professor Joelmo, na “capital Cultural do Espírito Santo”. Onde? “Santa Teresa.” Quem acha é o Joelmo, ele entrega.

Passaram vários meses debruçados sobre a obra da pintora Celina Rodrigues, “uma

velha conhecida, desconhecida, porém, em sua plenitude”, diz Victor. Chegaram à conclusão que ela produziu 4.000 obras, das quais fotografaram uma centena.

Disse que a missão está cumprida. Eu retruco que não. Agora é colocar essa pesquisa na rua. Dá um belo livro. Ele me envia um vídeo, de antiga entrevista, que me dá ainda mais certeza de que a Celina precisa ser divulgada.

Junto aqui as notícias do jornalista Tiago Zanoli. “Gisele me convidou pra ser cronista do C2. Crê? Acabei de enviar a crônica de estreia. Não sei se ficou boa. Os leitores dirão. Vou revezar as terças com o grande Grijó, professor e amigo. E Fernando Achiamé convidou-me pra fazer

—  
Como habitar num lugar onde não há feiras como as nossas? Um lugar onde “um é três, dois é cinco e três é sete”

umas fotos, para um livro conjunto: poemas dele, fotografias minhas (sim, me joguei de cabeça na fotografia).”

Diz que foi premiado na categoria autor estreante no edital de literatura da Secult. “Tenho uma noveleta a ser publicada ano que vem. Sabe-se lá quando sairá. Enquanto isso, aproveito o período de ócio pra escrevinhar outras literatices. Esboços, rascunhos, contos, romances. Vamos ver onde isso vai dar.”

Bom, agora vocês já sabem. Por algum tempo os amigos vão me manter em completo jejum de notícias.

Resumo da ópera: o Machado de Assis conseguiu terminar aquela crônica, o Tiago Zanoli estreou como cronista em grande estilo falando de sua experiência de pai (outra novidade) e eu vou ouvir de novo o segundo CD da Laura Diniz, a tal paulista “mineira” do quinto parágrafo. Com arranjos, direção e produção musical do competente Paulo Sodré. Bela e suave trilha sonora, para este tempo de luzes que nos amansa o coração.

Essa é a deixa para desejar um Feliz Natal ao leitor amigo, este que nunca sai da fita!